

A COPA DO MUNDO É NOSSA?

Clayton Borges, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo - Brasil

RESUMO

O presente relato de experiência é um trabalho pedagógico desenvolvido nas aulas de Educação Física durante o primeiro semestre de 2014, na escola estadual Ida Yolanda Lanzoni de Barros, localizada na cidade de Sorocaba-SP, com estudantes dos 5º anos do ensino fundamental, ancorado em alguns pressupostos da perspectiva multicultural da Educação Física, tais como: mapeamento, valorização da cultura corporal patrimonial e a experiência dos estudantes, problematização, ampliação, aprofundamento e ressignificação dos saberes relativos à prática corporal estudada. Nos caminhos trilhados durante as aulas, foram utilizados diversos recursos e estratégias didático-pedagógicas, como registros em cadernos, pesquisas, apresentações, entrevistas, problematizações, organização de vivências de jogos de futebol e assistência a vídeos, que contribuíram para o entendimento dos estudantes sobre alguns aspectos históricos da Copa do Mundo de futebol, ampliação e aprofundamento dos saberes das crianças no tocante a alguns problemas sociais decorrentes da realização deste megaevento esportivo realizado no Brasil e a organização e vivência de jogos de futebol nas aulas, criando formas de ressignificar a prática corporal ao contexto da classe.

Palavras-Chave: Educação Física multicultural; Futebol; Copa do Mundo.

THE WORLD CUP IS OUR?

ABSTRACT

This experience report is a pedagogical work in physical education classes during the first half of 2014, the state school Ida Yolanda Lanzoni de Barros, located in the city of Sorocaba-SP, with students from 5th years of primary education, anchored in some assumptions of multicultural perspective of physical education, such as mapping, asset valuation of body culture and the experience of students, problematization, widening, deepening and reframing of knowledge regarding body practice studied. In trodden paths during classes, various resources and teaching and pedagogical strategies were used, such as records on notebooks, research, presentations, interviews, contextualizing, organizing experiences of football games and tour videos, which contributed to the students' understanding of some historical aspects of the World Cup soccer; expansion and deepening of knowledge of children regarding some social problems resulting from the completion of this mega sports event held in Brazil and the organization and experience of football games in the classroom, creating ways to reframe the body practice the context of class.

Key-Words: Multicultural Physical Education; Football; World Cup.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 1, p. 162-179, jan./mar. 2015.
ISSN: 1983-9030

LA COPA MUNDIAL ES NUESTRA?

RESUMEN

Este relato de experiencia es un trabajo pedagógico en las clases de educación física durante el primer semestre de 2014, la escuela pública Ida Yolanda Lanzoni de Barros, que se encuentra en la ciudad de Sorocaba-SP, con estudiantes de quinto año de educación primaria, anclada en algunos supuestos de la perspectiva multicultural de la educación física, como el mapeo, la valoración de activos de la cultura del cuerpo y la experiencia de los estudiantes, la problematización, la ampliación, la profundización y la reformulación de los conocimientos sobre la práctica corporal estudiada. Los caminos trillados durante las clases, los distintos recursos y la enseñanza y se utilizaron estrategias pedagógicas, tales como registros de los cuadernos, de investigación, presentaciones, entrevistas, contextualizar, organizar experiencias de partidos de fútbol y la asistencia a los vídeos, lo que contribuyó a la comprensión de los estudiantes de algunos aspectos históricos de la Copa Mundial de Fútbol; ampliación y profundización de los conocimientos de los niños con respecto a algunos problemas sociales derivados de la realización de este megaevento deportivo que tuvo lugar en Brasil y la organización y la experiencia de partidos de fútbol el aula, la creación de formas de replantear la práctica corporal el contexto de la clase.

Palabras-Clave: Multicultural Educación Física; Fútbol; Copa del Mundo.

PRÉ-JOGO

Na sociedade brasileira, as discussões sobre futebol ocupam espaço privilegiado, especialmente em momentos que antecedem e acompanham uma Copa do Mundo. Pátria de chuteiras; futebol, uma paixão nacional; país do futebol; um povo que respira futebol são apenas algumas das metáforas proferidas em diversas instâncias enunciativas e utilizadas para associar o futebol a uma suposta identidade nacional brasileira, ou seja, para identificar uma “brasilidade” a partir do futebol. Entretanto, prestes a sediar uma Copa do Mundo de futebol pela segunda vez na história, curiosamente parece haver uma cisão inédita no país entre os que defendem e os que se opõem a realização deste megaevento esportivo, aparentemente indo na contramão das metáforas – em certa medida essencialistas – anunciadas acima, corroborando assim os apontamentos de Hall¹ sobre o caráter fluído, cambiante e contraditório da identidade.

A partir deste entendimento a respeito da identidade como dependente da contingência histórica e cultural, isto é, como algo que não se prende a uma única configuração e com base em princípios do currículo multicultural de Educação Física, proposto por Neira e Nunes,² o futebol e sua vinculação com a Copa do Mundo foi eleito como temática a ser estudada pelas crianças dos 5º anos A e B nas aulas de Educação Física da escola estadual Ida Yolanda Lanzoni de Barros, localizada na cidade de Sorocaba-SP.

Como sabemos, a Educação Física escolar possui uma longa tradição pautada nos pressupostos das ciências biológicas, que contribui para uma visão essencialista do corpo, tendo como objetivo um esquadramento sistemático dos mesmos, até atingir um suposto padrão de normalidade. Não concordando com tal modelo, o currículo multicultural da Educação Física propõe uma inversão neste jogo, ao romper com a ideia de componente curricular essencialmente prático e acrítico. Na acepção de Neira,³ é um currículo contrário a padronização da diversidade social, por conseguinte, empreende esforços para a formação de identidades coletivas através da reflexão a respeito de como a cultura corporal é representada por distintos grupos sociais.

A partir deste enfoque, os caminhos trilhados durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico tiveram como objetivo a construção do diálogo entre os estudantes mediante

a valorização de seu patrimônio cultural e assim organizar formas de adaptar os jogos de futebol ao contexto da classe, isto é, ao número de estudantes, as regras, o espaço e o tempo disponível para a prática, buscando valorizar a participação de todos/as nas atividades pedagógicas desenvolvidas; compreender alguns aspectos históricos da Copa do Mundo de Futebol e, por fim, problematizar sobre alguns efeitos sociais decorrentes da realização deste megaevento esportivo no país.

O SISTEMA TÁTICO ADOTADO

No currículo multicultural de Educação Física não existe fixidez no sistema de jogo, assim, uma partida que se inicia com um determinado sistema tático pode sofrer constantes variações no decorrer do enfrentamento. Apostando no jogo coletivo, busca sempre atacar com jogadas de efeito as noções essencialistas a respeito das manifestações corporais; também possui uma defesa bem postada e combativa, sobretudo quando se trata de defender a inclusão e tematização no currículo escolar de manifestações corporais tidas como inferiores pelo pensamento acrítico da Educação Física. Cabe destacar que não se trata de uma troca das práticas corporais consideradas hegemônicas por outras consideradas subordinadas, mas que essas, historicamente alijadas do currículo, também tenham espaço no currículo escolar para serem representadas e compreendidas.

Seguindo esse modelo curricular, a partir de um mapeamento realizado no início do ano letivo, o futebol foi escolhido como tema de estudo. No currículo multicultural de Educação Física, conforme colocam Neira e Nunes,⁴ o mapeamento se trata de uma das orientações didáticas propostas e possui como objetivo coletar informações sobre o patrimônio cultural corporal dos estudantes, além de se constituir em uma avaliação inicial dos saberes dos estudantes a respeito da temática a ser estudada. Vale apontar ainda que a opção de tematizar o futebol associado à Copa do Mundo se deu pela proximidade da realização desse megaevento esportivo, que envolve diversos povos ao redor do mundo e que esse ano será realizado no Brasil, país que valoriza e dá grande ênfase a essa competição. Desta maneira, considere que a tematização escolhida poderia possibilitar uma reflexão pedagógica dos estudantes sobre este fenômeno sociocultural.

Após a escolha da temática, com base nos princípios da perspectiva curricular adotada, foram desenvolvidas no decorrer das aulas atividades de ampliação e aprofundamento dos saberes dos estudantes, além da ressignificação da prática corporal estudada/vivenciada. Para tanto, contou-se com assistência a vídeos, recurso da internet para pesquisa, entrevistas, rodas de conversa, apresentação de trabalhos, relatos/registros dos estudantes e vivências de jogos de futebol na quadra da escola.

NARRATIVA DA PARTIDA

Na descrição do relato de experiência a seguir, dedico maior espaço as atividades pedagógicas desenvolvidas no 5º ano B, entretanto, em determinadas passagens, enfatizo situações em que as duas classes, isto é, os 5º anos A e B desenvolveram atividades em comum.

Conforme já anunciado, após a escolha da temática a ser estudada, realizei um mapeamento sobre os saberes dos estudantes referentes à Copa do Mundo de futebol que será realizada no Brasil. Inicialmente, um pequeno grupo se dispôs a falar e destacaram, por exemplo: alguns estádios que realizarão os jogos da Copa, dentre eles o Maracanã e o Itaquerao; que a seleção brasileira já conquistou o mundial cinco vezes; estávamos em um período (fevereiro de 2014) em que o técnico Felipão realizou a última convocação antes da lista definitiva de jogadores que participarão da Copa do Mundo, e apenas os jogadores Neymar, Fred e Júlio Cesar possuíam vaga assegurada; o mascote é um tatu-bola, chamado Fuleco; a seleção brasileira ganhou da seleção espanhola na final da Copa das Confederações no Brasil (competição que ocorre um ano antes da Copa do Mundo, como um evento preparatório).

Como poucos estudantes se posicionaram, perguntei aos demais o motivo de não se manifestarem. Disseram que não sabiam muito a respeito e que só gostavam de assistir os jogos do Brasil, especialmente por conta de alguns jogadores, como o Neymar. Destacaram também que estavam apreensivos para assistir a seleção brasileira na Copa do Mundo, favorita após a conquista da Copa das Confederações sobre a seleção espanhola, na ótica dos estudantes. Além disso, é a primeira Copa do Mundo que acompanharão de maneira mais atenta, já que na última realizada em 2010 na África do

Sul tinham por volta de seis anos de idade e, desse modo, não possuíam muitas recordações dessa competição.

Durante o mapeamento, um aluno comentou que viu em um programa de TV a história do Brasil nas Copas do Mundo e achou muito interessante. A partir desse comentário, combinei que poderíamos estudar sobre a participação da seleção brasileira nas Copas e a história das Copas do Mundo nas aulas seguintes. Também solicitei que ficassem atentos/as a toda informação divulgada na mídia ou em outros meios a respeito da Copa do Mundo de futebol que avaliassem como interessante, para discutirmos em sala de aula. A partir desta indicação, uma aluna sugeriu criarmos um grupo no *facebook* (tendo em vista que muitos estudantes utilizam esta rede social) e disponibilizar sites, vídeos e questões sobre o tema que estamos estudando nas aulas.

Após esse primeiro mapeamento, partimos para a vivência de jogos de futebol, adequando às condições materiais, tempo das aulas, ao número de estudantes e espaço da escola (quadra poliesportiva). No currículo multicultural de Educação Física, essas modificações são consideradas como práticas de ressignificação. Inicialmente, a maioria das meninas optou por jogar apenas entre elas, por considerar que quando participam com os meninos, quase não “pegam na bola” e, além disso, os meninos são “cavalos”. Apesar dessas falas, duas meninas optaram por jogar com os meninos. Na classe, que conta com aproximadamente 30 estudantes, formaram-se quatro times com 7 a 8 jogadores e combinaram 5 minutos de duração de jogo para cada partida.

No intervalo entre uma partida e outra, os times de “fora” jogavam “bobinho” e chute a gol, em um espaço ao lado da quadra. A princípio, somente o time dos meninos e após algumas aulas as meninas também começaram a jogar “bobinho” e chute a gol, influenciadas pelos meninos.



Figura 1: Vivências de jogos de futebol das meninas



Figura 2: meninos se organizando para os jogos de futebol

Após essas primeiras vivências, iniciamos os estudos sobre a história das Copas do Mundo e a participação da seleção brasileira. Para tanto, aproveitei uma sala de aula equipada com *Smart TV* e utilizei o site *Futpédia Copas da FIFA* – uma enciclopédia virtual sobre a história das Copas do Mundo desde 1930 –, além de um vídeo sobre a história da primeira Copa do Mundo disponível no *youtube* para tratar do assunto. Entretanto, nessa aula, ocorreram alguns imprevistos: o site acessado demorou muito tempo para “carregar”, já que era um aplicativo específico para *iPad*, além disso, a assistência ao vídeo que selecionei não chamou a atenção da classe.

Desse modo, nas aulas seguintes, para que a expectativa de aprendizagem fosse contemplada, foi preciso reorganizar o caminho. A alternativa encontrada foi à proposição de uma pesquisa aos alunos sobre as Copas do Mundo. Os estudantes foram divididos em grupos e cada grupo ficou responsável por pesquisar a respeito de uma das Copas do Mundo. Para tanto, indiquei alguns sites e algumas questões para facilitar a pesquisa. O objetivo seria que ao final da pesquisa cada grupo socializasse os

conhecimentos com os demais colegas da classe e com os colegas do 5º ano A, que também estavam pesquisando sobre a história das Copas. Para a realização da pesquisa, utilizamos computadores com acesso à internet em um centro de inclusão digital localizado ao lado da escola.



Figura 3: Pesquisa realizada pelos estudantes em um centro de inclusão digital

As questões pré-elaboradas, de modo geral, tinham o intuito de evidenciar alguns acontecimentos históricos sobre a Copa do Mundo de futebol como, por exemplo, jogadores que se destacaram; formato das competições, regras, seleções campeãs, o país sede, a bola, o vestuário, etc. Conversei com a classe que poderiam acessar outros sites e ainda coletar outras informações além das formuladas; notei que nessa atividade proposta houve maior envolvimento da classe e observei também que alguns grupos se interessaram em assistir alguns vídeos de curta duração sobre as Copas do Mundo de futebol disponíveis no site acessado para a pesquisa. Relataram que poderia ser importante para a coleta de informações.

Para facilitar as pesquisas, criei o grupo no *facebook* sobre a Copa do Mundo, sugerido no início do projeto por uma aluna e disponibilizei alguns sites de pesquisa e vídeos, que foram bastante acessados pelos estudantes durante o projeto. Aqueles que possuíam acesso à internet em casa foram adiantando a pesquisa, já que o tempo para pesquisa no centro de inclusão digital era restrito. Desse modo, combinamos que os grupos que finalizavam a coleta de informações auxiliariam os grupos que ainda não haviam concluído. Posteriormente, os grupos elaboraram em sala de aula cartazes sobre as informações pesquisadas e, posteriormente, iniciaram as apresentações

Nas apresentações, alguns estudantes sentiram-se um pouco envergonhados, por se tratar de uma das primeiras experiências de apresentação para a classe, desse modo, em vez de apresentações em um modelo mais formal, realizamos um “bate-papo” a respeito das pesquisas empreendidas. Após as apresentações de todos os grupos, as duas classes (5º ano A e 5º ano B) se reuniram para uma conversa sobre as pesquisas. A essa altura, os estudantes pareciam estar mais a vontade para falar sobre o estudo realizado. Como os alunos do 5º ano B pesquisaram sobre as primeiras Copas do Mundo, relataram sobre a bola utilizada à época, a camisa da seleção brasileira, jogadores e seleções que se destacaram, entre outros. Um dos alunos trouxe também uma revista do seu pai com informações sobre o tricampeonato da seleção brasileira na copa de 1970. Essas informações históricas chamaram a atenção dos alunos do 5º ano A e ocorreu uma boa interatividade entre as salas. Também conversamos sobre os jogadores que haviam sido convocados dias antes pelo técnico Felipão e algumas seleções e jogadores que participarão da Copa do Mundo. Finalizada as apresentações, assistimos ao curta metragem: *Uma história de futebol* – ficção que conta a história da infância de Pelé e seu amigo Zuza, um companheiro de pelada que relembra as façanhas do menino Pelé nos campos de terra de Bauru –, e em seguida fixamos os cartazes produzidos em um mural no pátio da escola, para que outras salas visualizassem os trabalhos realizados.

Percebi que o curta metragem chamou bastante à atenção dos estudantes. A partir deste entendimento, na aula seguinte, problematizamos sobre o curta metragem assistido; os estudantes relataram que gostaram bastante da história retratada e alguns perguntaram se o filme já estava disponível no *facebook* do grupo, pois gostariam de assistir novamente com os familiares. Alguns meninos também enfatizaram que atribuíam importância semelhante ao Zuza e ao Pelé quando jogavam uma partida de futebol. Uma aluna destacou ainda que as apresentações das pesquisas sobre a Copa do Mundo contribuíram para o entendimento de algumas passagens do curta-metragem como, por exemplo, quando se referia ao jogador Leônidas da Silva e ao Maracanazo, ocorrido em 1950.

Na sequência, retomamos as vivências do futebol. Sugeri a classe que mudássemos a divisão proposta inicialmente de meninos *versus* meninos e meninas *versus* meninas,

por compreender que essa divisão talvez pudesse reforçar a ideia de que as meninas não poderiam jogar com os meninos devido a uma suposta diferença de habilidade e/ou física, embora duas alunas estivessem participando dos jogos no time dos meninos desde as primeiras vivências. Ocorreram algumas resistências, no entanto, combinei que vivenciassem algumas aulas com times mistos e, caso avaliassem que a divisão sugerida não foi satisfatória, voltaríamos ao modelo inicial.



Figura 4: Vivências de jogos de futebol com times mistos

Após algumas aulas, conversamos sobre a vivência de jogos de futebol com times mistos. Algumas alunas destacaram que gostaram desse formato, principalmente porque no jogo só entre meninas perdiam muito tempo discutindo alguns lances que ocorriam no jogo, devido ao desconhecimento de algumas regras. Outras, no entanto, continuaram reclamando que “pegavam pouco” na bola. Uma das meninas, que desde o início estava participando das vivências no time dos meninos, disse que isso ocorria porque algumas meninas não sabiam jogar tão bem quanto os meninos, mas participando dos times mistos aprenderiam mais facilmente, pois foi assim que aprendeu e por isso optava por jogar com os meninos. Alguns meninos reforçaram a fala dessa aluna e disseram que se impressionaram com a participação de algumas meninas, já que algumas estavam tendo o primeiro contato com o futebol. Entretanto, outros meninos disseram que preferiam jogar só entre eles, já que algumas meninas atrapalhavam o jogo.

Diante desse impasse, fizemos uma votação e a maioria optou por continuar a jogar com times mistos. Quanto às regras, que ainda era motivo para algumas discussões, coletivamente combinaram o que “valia” e o que “não valia”, resultando em uma mescla

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 1, p. 162-179, jan./mar. 2015.
ISSN: 1983-9030

de regras de futsal e futebol. Após algumas vivências de jogos de futebol, conversamos mais uma vez sobre a divisão de times mistos. Assim como na primeira conversa, ocorreram algumas resistências, mas a maioria da classe reiterou que estava gostando de participar dos times mistos. Algumas meninas que reclamaram inicialmente relataram que estavam conseguindo participar mais do jogo. Dos meninos que entendiam que as meninas atrapalham o jogo, alguns mantiveram a posição, outros, no entanto, pareciam mais sensíveis a participação conjunta.

Em paralelo as vivências de jogos de futebol e os estudos sobre as Copas do Mundo de futebol, em minhas andanças pela escola, notei que durante o recreio os estudantes estavam trocando figurinhas da Copa do Mundo e, apesar de estarmos tratando do tema Copa do Mundo nas aulas, o álbum de figurinhas dos jogadores da Copa foi um assunto que ainda não havia sido comentado pelas classes, possivelmente por conta da relutância que as figurinhas, *cards* e outros artefatos culturais considerados infantis/juvenis encontram quando adentram a escola.



Figura 5: Alunas trocando figurinhas da Copa

Conversando com a classe, percebi que boa parte colecionava as figurinhas, inclusive, um aluno comentou que aos finais de semana vai a uma banca de jornal em um bairro próximo, local em que um grupo de pessoas se encontra para trocar as figurinhas. Mesmo já tendo completado o álbum, continuava frequentando o local juntamente com os pais, pois, é um ponto de encontro frequentado por crianças, adultos, idosos e, além da troca de figurinhas, o pessoal discute sobre futebol, jogadores, os jogos da semana, etc. Combinamos de disponibilizar uma aula para a troca de figurinhas com a participação dos dois 5º anos; nessa aula, além da troca de figurinhas, os estudantes

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 1, p. 162-179, jan./mar. 2015.
ISSN: 1983-9030

jogaram bafo – brincadeira popular entre os colecionadores de figurinhas. Conversando com alguns alunos, percebi que jogavam bafo como uma estratégia para conseguir as figurinhas, já que para completar o álbum são necessárias mais de 600 figurinhas.

Aproveitando o momento, conversei com as classes que, embora a coleção e troca de figurinhas propicie momentos de entretenimento e interação social, está envolta em uma cultura de consumo, isto é, há um custo para completar o álbum, que acaba impossibilitando que alguns colegas tenham acesso a esse artefato cultural. O aluno que já completou o álbum disse que o custo gira em torno R\$ 200 ou um pouco mais, por causa das figurinhas repetidas. Também relatou que está pensando em completar o segundo álbum, para vender daqui a alguns anos para colecionadores. Sugeri a esse aluno e aos demais que pesquisassem sobre o valor de um álbum antigo. Na aula seguinte, quando retomamos o assunto, os estudantes estavam impressionados com os valores, encontraram desde álbum de R\$ 500 das Copas do Mundo de 2006 e 2010 até álbuns raros como os das Copas do Mundo de 1978 e 1982, que podem chegar a custar mais de R\$ 10 mil.

A organização das aulas seguintes foi influenciada pelos questionamentos de alguns estudantes sobre as manifestações populares contrárias a realização da Copa do Mundo de futebol no Brasil, mais especificamente, contra os gastos públicos na construção dos estádios, superfaturamento, desapropriações, violações de direitos humanos, entre outros.

Para iniciar a conversa, solicitei que os estudantes entrevistassem familiares, professores, funcionários da escola e quem mais desejassem para saber a opinião sobre a realização da Copa do Mundo de futebol no Brasil e sugeri que também registrassem a opinião pessoal sobre o assunto.

Quando os estudantes entregaram os registros das entrevistas realizadas, notei que poucos entrevistados – em sua maioria familiares dos alunos – destacaram aspectos positivos da realização da Copa no Brasil, a maior parte se posicionou de forma crítica por conta dos gastos excessivos na construção dos estádios, dinheiro que poderia ser

utilizado em melhorias na saúde e educação; a opinião dos alunos, de forma geral, ficou dividida entre uma posição favorável a Copa do Mundo e uma crítica por conta dos gastos do dinheiro público com a Copa do Mundo. Das entrevistas realizadas e opiniões dos estudantes, destaco alguns fragmentos dos registros: *“Eu acho que vai ser bom e ruim, porque o lado bom é que vai ser uma festa para quem gosta. Já o lado ruim é que os políticos vão se preocupar mais com a Copa do Mundo do que com a população”* (relato de aluno do 5º ano A); *“Eu vou assistir a Copa do Mundo porque só passa de quatro em quatro anos, e a Copa do Mundo no Brasil tá dando o que falar”* (relato de aluna do 5º ano B); *“O Brasil está gastando muito dinheiro e deixando de investir na educação e na saúde do povo. Mas, por outro lado, está trazendo muitos turistas, aumentando assim a renda do Brasil”* (entrevista com pai de aluno do 5º ano A); *“Não é bom, porque o Brasil não está preparado. Tem muita gente que precisa de: médicos, escolas, creches, etc. E eles estão gastando muito dinheiro com a Copa do Mundo. Eu acho que podia ser em outro lugar, o Brasil precisa de mudanças”* (relato de aluna do 5º ano B).

Questionei os estudantes sobre o que influenciou a opinião deles sobre a Copa do Mundo no Brasil, já que no início da tematização essas falas a respeito dos gastos públicos não apareceram. Responderam que estão assistindo com frequência em programas de TV sobre as manifestações e também influenciados por comentários dos familiares e até na igreja o assunto foi abordado, o que remete as análises de Costa,⁵ quando aponta que os sujeitos escolares são subjetivados simultaneamente por múltiplos discursos. Em conversa com os estudantes, chegamos ao entendimento que há aspectos positivos e negativos da realização da Copa do Mundo no Brasil, embora, de forma geral, os beneficiados são aqueles que já possuem uma condição social privilegiada. Para a ampliação dos conhecimentos, assistimos a dois documentários sobre as desapropriações de moradores no entorno dos estádios da Copa, situação que praticamente não tem ocupado espaço nos noticiários. Nas problematizações sobre as desapropriações, os estudantes destacaram que não sabiam desses ocorridos e se mostraram indignados e bastante sensibilizados com os acontecimentos, haja vista a quantidade de desapropriados e a situação miserável e indigna que os moradores já viviam e que se agravou com as desapropriações. Algumas falas e reflexões chamaram a

atenção, vejamos: *“Professor, em vez de tirar essas pessoas de suas casas, porque não reformaram as casas deles e deixaram eles lá?”* (aluna do 5º ano B); *“Porque não fizeram os estádios como foi feito em Las Vegas, que foi construída no meio do deserto, daí não precisava tirar ninguém das casas!”* (aluno 5º ano A).

Após a assistência aos vídeos, para o aprofundamento dos conhecimentos sobre as manifestações populares relacionadas à Copa do Mundo de futebol, entrei em contato com o movimento social Comitê Popular da Copa de São Paulo, e combinamos uma entrevista via *Skype*, juntamente com os estudantes. Importa dizer que tanto a opção pela assistência aos vídeos quanto pelo diálogo com o movimento social foi influenciada por um dos pressupostos do currículo multicultural, isto é, a valorização das vozes dos grupos minoritários nas relações de poder. Corroborando com as reflexões de Silva,^{6:139} tal opção também parte do entendimento e reconhecimento que, além da educação escolar institucionalizada, “outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa”.

Cabe destacar que no currículo multicultural de Educação Física, tal objetivo está relacionado à valorização dos discursos e práticas de grupos cujo patrimônio cultural corporal habitualmente não é prestigiado na escola e, mais especificamente, nas aulas de Educação Física. Entretanto, como decidi problematizar sobre as manifestações populares nas aulas, pelos motivos já mencionados, considere que o pressuposto do currículo multicultural selecionado poderia ser relevante.

Agendada a entrevista, expliquei aos estudantes sobre a atuação do movimento social Comitê Popular da Copa de São Paulo que, entre outras questões, busca impedir as remoções dos moradores do entorno do estádio do Corinthians, por conta das obras de acesso ao estádio e, na sequência, formulamos algumas questões para a entrevista. As perguntas elaboradas estavam relacionadas à preocupação dos estudantes sobre o que estava acontecendo com as pessoas removidas, qual o saldo positivo das manifestações empreendidas pelo movimento social e o que seus integrantes pensam sobre a Copa do Mundo no Brasil e, por fim, se assistirão aos jogos.

No dia agendado para a conversa com o movimento social, ocorreram alguns problemas técnicos que impediram sua realização. Desse modo, enviamos as questões formuladas para a entrevista por e-mail. As respostas enviadas foram bastante elucidativas quanto às questões referentes à desapropriação dos moradores, os direitos humanos que estão sendo violados e os resultados positivos da organização e luta dos moradores da Favela da Paz, que até o momento estão resistindo às desapropriações. Destaco abaixo uma das questões formuladas em conjunto com os estudantes e a resposta do Comitê Popular da Copa de São Paulo:

“Os integrantes do Comitê Popular da Copa assistirão aos jogos da Copa e torcerão pela seleção brasileira? O Comitê Popular da Copa não é contra a seleção brasileira e, muito menos, contra o futebol. Longe disso, somos também grandes entusiastas deste esporte, reconhecida paixão popular brasileira. E é por isso mesmo que acreditamos que todos os amantes do futebol devem questionar a Copa da FIFA de 2014. A FIFA é uma associação teoricamente sem fins lucrativos, isenta do pagamento de impostos, que ganha cerca de 100 milhões de dólares por ano. Só com a Copa de 2014, levará 5 bilhões de dólares (números oficiais). Não existem estimativas nem declarações dos bens e rendas de seus principais executivos. Para recuperar o futebol como paixão e prática popular, exigimos o fim da elitização dos estádios, do encarecimento dos ingressos, da destruição da cultura torcedora e da transformação do futebol em negócio. Por isso também que organizamos jogos e campeonatos de “futebol rebelde”, como a Copa Rebelde, em dezembro passado. Provavelmente, quando não estivermos em ações junto aos atingidos pela Copa, nós provavelmente assistiremos sim aos jogos, porém, não com o mesmo entusiasmo que teríamos se não houvessem tamanhas violações de direitos humanos”.

A menção a Copa Rebelde chamou nossa atenção e solicitamos maiores explicações sobre esse evento. O movimento social nos indicou um portal da internet que possui informações a respeito. Acessamos o portal da internet da Copa Rebelde, evento que está em sua segunda edição e é organizado pelo comitê popular da Copa de São Paulo, junto de movimentos sociais e coletivos parceiros; resumidamente, é um ato político com torneio de futebol e atividades culturais. De acordo com as informações disponibilizadas, participar da Copa Rebelde não significa apenas “aparecer no dia” para jogar bola ou escutar alguns dos grupos que se apresentarão, mas sim construir coletivamente este espaço – como for possível para cada um. Visualizamos as

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 13, n. 1, p. 162-179, jan./mar. 2015.
ISSN: 1983-9030

fotos das equipes participantes e notamos também que para a participação dos jogadores são efetuados alguns procedimentos de ressignificação da prática corporal, isto é, algumas adaptações nas regras, devido às condições do espaço utilizado, do grupo participante e o propósito dos jogos. Destaco abaixo algumas recomendações aos participantes e algumas regras da Copa Rebelde:

“Recomendações para @s jogadores e times: Os times terão 5 jogadores na linha e 1 no gol. As equipes podem ter quantos jogadores/as quiserem pra revezar; laterais serão sempre cobrados com os pés – os jogos terão 10 minutos de duração, sem intervalo; o jogo das 10h tem tolerância de 10 minutos de atraso, o time que não se apresentar a tempo perderá por W.O.; é desaconselhável jogar descalço/a por conta das pedrinhas no terreno; ao mesmo tempo, está vetado o uso de chuteiras de campo com travas; recomendamos o uso de chuteira de futebol 7 society ou de futsal, ou então qualquer tênis comum; tod@s que puderem, levem BOLAS de futebol 7 society ou de campo”.

Nas conversas sobre a Copa Rebelde, um aluno sugeriu que também realizássemos uma Copa na escola, proposta prontamente apoiada pelos demais colegas da classe. Para a realização da Copa, reuni as duas classes (5º ano A e 5º ano B) para discutirmos as regras e o formato da competição. As classes optaram por jogar com times mistos, as regras permaneceram praticamente as mesmas utilizadas nas vivências anteriores, com alteração apenas no tempo de jogo. Como faltavam poucas aulas para o término do semestre letivo, organizamos a Copa na escola levando em conta essas aulas restantes.

Encerramos o projeto conversando sobre o percurso trilhado até o momento e os estudantes avaliaram como positivo, enfatizaram algumas questões aprendidas durante o projeto e o entusiasmo com as vivências do futebol. Nessa conversa, a professora polivalente do 5º ano B me mostrou a produção dos estudantes, uma redação solicitada à classe com o tema Copa do Mundo. Nas leituras, pude constatar em diversas passagens referências as atividades que realizamos e problematizamos, corroborando o relato dos estudantes. Nessa última aula, também assistimos a um registro fotográfico das atividades realizadas durante o projeto.

PÓS-JOGO

Avaliando o projeto proposto, assumo que fui constantemente desafiado a escapar da lógica adultocêntrica que, por vezes, se baseia em concepções vinculadas a um suposto padrão universal de desenvolvimento determinado de acordo com a faixa etária e que acaba inviabilizando a lógica infantil, já que concebe a criança como incapaz de certas aprendizagens. Em outras palavras, ao incorporar e valorizar os saberes dos estudantes dos 5º anos ao projeto, indo na contramão de propostas que subjagam as vozes das crianças, aprendi muitas coisas e me surpreendi com seus questionamentos, seus modos de se organizarem, suas experiências e reflexões.

Quanto à avaliação, busquei priorizar todo o processo ocorrido durante todo o projeto (registros, apresentação das pesquisas, relato dos estudantes, problematizações, organização das vivências), ao invés de priorizar apenas um momento. Acredito que as atividades de ensino empreendidas contribuíram para a aprendizagem dos estudantes quanto a alguns aspectos históricos da Copa do Mundo de futebol, alguns problemas sociais decorrentes de sua realização no Brasil e para a organização de jogos de futebol, valorizando a participação de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

¹HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T.T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

²NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

³NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

⁴NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

⁵COSTA, M. V. Quem são? Que querem? Eis que chegam as nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, A. F. B.; ALVES, M. P.; GARCIA, R. L. (Org.). **Currículo, cotidiano e tecnologias**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 93-109. v. 2.

⁶SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.